

Especialistas traçam perfil de agressores de mulheres; identifique características abusivas em 5 pontos

Para investigadores e psicólogos, homens que cometem violência contra mulheres são, em geral, considerados 'cidadãos comuns'.

(G1, 19/04/2019 - acesse no site de origem)

Identificar um agressor de mulher não é tarefa simples. Em geral, este criminoso não tem características aparentes como a arma em punho de um assaltante. Em muitos casos, sequer possui antecedentes criminais. Então, como se prevenir?

O G1 ouviu especialistas e pessoas que lidam com o tema diariamente para traçar um perfil destes homens. Além disso, o modo como os agressores se comportam é parte fundamental para a identificação. Muitas vezes são os chamados “cidadãos comuns”.

Série do G1: feminicídio e violência contra a mulher no RJ:

- [80% dos réus por feminicídios cometidos em 2018 estão presos](#)
- [Caxias registra o maior número de casos: veja relatos](#)

De acordo com delegada Fernanda Fernandes, que atua diariamente no combate a este tipo de crime na Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM) de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense “até as pessoas que convivem com o agressor não acreditam que ele tenha praticado esse tipo de delito”.

“A gente tem como padrão de agressor de violência doméstica uma pessoa que trabalha, tem uma vida social, é primário e de bons antecedentes. Na maioria dos casos, a gente tem esse padrão de agressor de uma ‘pessoa normal’.

Em 2018, mais de 31 mil casos foram registrados nas Delegacias de Atendimento à Mulher em todo o estado.

Paulo Cesar Conceição, de 46 anos, coordena um centro de recuperação de homens condenados pela Justiça por violência doméstica. Ao G1, ele afirmou que a violência doméstica está impregnada na sociedade e quase não é percebida.

“Ele [o agressor] é o ‘cidadão comum’, é o motorista de ônibus, o empresário, o lojista, o religioso. A violência doméstica está impregnada na nossa sociedade de tal forma que ela está invisível”, disse.

O psicólogo Paulo Patrocínio ressaltou que a violência se apresenta de formas diferentes e não apenas através da forma física, que é de conhecimento mais comum. São elas:

- Violência física
- Violência psicológica

- Violência patrimonial
- Violência moral
- Violência sexual

Ciclo da violência

Patrocínio explicou ainda que a violência contra a mulher acontece através de um ciclo vicioso, normalmente. Segundo ele, os relacionamentos passam por três etapas que se repetem constantemente. E a violência pode ser interrompida de duas maneiras: com a interrupção da relação ou com o feminicídio.

“O ciclo da violência começa na ‘tensão’. Quando um casal perde o diálogo, começam as humilhações, provocações e ofensas. Em determinado momento, essa tensão perde o controle e acontece a explosão, que acaba gerando a violência. Nesse segundo estágio, acontecem sexo forçado, tapas, socos. Logo depois, há um rompimento em alguns casos. A mulher vai buscar os direitos dela garantidos por lei”, explicou o psicólogo.

“No terceiro estágio, é o intervalo chamado ‘lua de mel’. O homem entende que perdeu a mulher e tenta reconquistá-la. Pede desculpa, faz juras de amor, dá presentes, faz promessas, em uma intensidade muito grande. Ele não quer dar tempo para que ela possa refletir sobre o assunto. Depois de juntos novamente, ele não se vê correspondido e volta a entrar no estágio da tensão”, completou.

Veja ciclo da violência contra mulher



Fonte: Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro



Infográfico elaborado em: 02/04/2019

De acordo com os especialistas, casais que passaram por episódios de violência compartilharam de um relacionamento abusivo. A vítima, na maioria dos casos, só identificou as “irregularidades” do relacionamento depois em que as agressões aconteceram.

Para evitar episódios de desgaste emocional e até mesmo de violência física, o especialista Paulo Cesar Conceição listou cinco pontos de atitudes abusivas nos relacionamentos (*veja lista abaixo*). Caso a mulher identifique a presença de um ou mais fatores, deve ficar alerta.

Cinco comportamentos que identificam um possível agressor

1. Interferir no modo de vestir da companheira;
2. Hábito de controlar as redes sociais dela;
3. Humilha e tem costume de xingar a companheira;
4. Possessividade, ele determina sempre o que o casal vai fazer;
5. Interfere nas relações sociais.

Serviço:

Para denunciar abusos e agressões contra mulheres, qualquer cidadão pode entrar em contato com a Central de Atendimento ao Cidadão pelos telefones 2334-8823/ 2234-8835, ou pelo Disque Denúncia pelo telefone 2253-1177.

A pessoa também pode procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher mais próxima e também pode pedir ajuda na Defensoria Pública ou pelo site do Ministério Público do Rio de Janeiro.

Matheus Rodrigues e Patrícia Teixeira

O que é, como enfrentar e como sair do ciclo da violência

Especialistas falam sobre ciclo da violência e os danos que acarreta na vida das mulheres

(Agência Patrícia Galvão, 10/12/2018)

Centenas de mulheres sofrem agressões todos os dias no Brasil. Segundo levantamento do 12º Anuário de Segurança Pública, [221.238 casos de violência doméstica foram registrados nas delegacias de todo o país em 2017, o que representa uma média de 606 registros de lesão corporal dolosa por dia enquadrados na Lei Maria da Penha.](#)

Para compreender esse fenômeno é preciso entender também o que é e como funciona o ciclo da violência. O termo foi criado pela psicóloga norte-americana Lenore Walker em 1979 e passou a ser usado para identificar padrões abusivos em uma relação afetiva.

Segundo Walker, o ciclo da violência divide-se em três fases: aumento de tensão, ataque violento e a calmaria ou “lua de mel”.

Em resumo, a mulher que vive o ciclo da violência enfrenta momentos de agressividade do parceiro, caracterizados por ofensas verbais, controle e críticas, seguidos de agressões físicas, como tapas, socos e empurrões, até a chegada da fase da calmaria, em que o agressor pede desculpas, implora por perdão e promete que aquilo não irá se repetir.

“O primeiro investimento que a mulher faz na relação é esse investimento maciço

na confiança, no afeto, é por isso que ela constrói uma parceria.”

Lenira da Silveira, psicóloga da Casa Eliane de Grammont

A mulher vítima de violência pode ficar presa nesse ciclo durante anos até tomar consciência de sua situação. A psicóloga Lenira da Silveira, especializada no atendimento a mulheres vítimas de violência, explica que a mulher acredita que o agressor pode mudar porque ela quer acreditar que o investimento que ela fez naquela relação não será em vão.

“Nenhuma mulher escolhe o ‘pior companheiro’. Elas escolhem aquele parceiro com o qual imaginam que vão construir uma vida. O fato de esse companheiro não ser uma pessoa má o tempo todo faz com que ela acredite que o comportamento agressivo pode mudar. O que vai acontecendo na violência doméstica é que o parceiro agressor vai usando esse investimento contra a própria mulher, ele vai jogando com esse afeto, buscando obter o controle. Ele faz aquilo que chamamos de ‘morde e assopra’, o que causa um sentimento de confusão nas mulheres, de dependência, de não saber mais se a culpa é dela, se é ela que está provocando, se ela fez alguma coisa errada. Esse é o terreno propício para se instalar o ciclo da violência.”, alerta a psicóloga.

A defensora Paula Sant’Anna Machado de Souza, coordenadora do Núcleo Especializado de Promoção de Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM) da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, explica também que “essa percepção da violência perpassa um reconhecimento de si mesma enquanto sujeito de direito e dos papéis que a via jurídica pode representar. Por isso, muitas vezes, as mulheres demoram a procurar ajuda. Ou essa procura ocorre quando a violência atinge os/as filhos/as de maneira direta. A percepção de que isso não é normal – que são ciclos de violência e não de afeto – perpassa uma série de fatores”.

Os danos psicológicos da violência

A psicóloga Lenira comenta que a situação de violência doméstica é muito danosa para a vítima porque existe o componente da violência psicológica e as consequências de passar por uma situação como essa podem ser irreversíveis. A vítima pode muitas vezes não se recuperar completamente desse trauma.

“A mulher carrega uma ferida para o resto da vida. Muitas vezes tem dificuldade em estabelecer novas relações, de confiar em si mesma. É preciso realizar um trabalho intenso para que elas possam superar essas situações. É a perda da confiança até no próprio senso de julgamento, por não ter percebido, não ter se dado conta da violência.”

O caminho apontado pela psicóloga é mostrar para a mulher vítima de violência que a situação por ela enfrentada não é individual e sim um problema que parte de uma estrutura social desigual.

Ouvir as demandas e informar sobre direitos

As duas especialistas entrevistadas apontam que, tanto nos serviços de acolhimento quando na Defensoria, existe um cuidado grande para realizar um atendimento interseccional.

A Casa Eliane de Grammont, por exemplo, um dos maiores centros de referência e atendimento de mulheres vítimas de São Paulo, trabalha em parceria com a Defensoria do

Estado para garantir que as mulheres encontrem nesses serviços uma rede articulada de atendimento.

Lenira das Silveira explica que os procedimentos nos serviços de acolhimento podem variar de acordo com o que a vítima está buscando no momento em que procura ajuda.

“Às vezes, quando chegam até nós, elas já deram o primeiro passo, foram à delegacia, mas ainda não viram todas as questões relacionadas à solicitação de medida protetiva, reparação, guarda dos filhos. Então encaminhamos para o atendimento jurídico”.

Para a psicóloga Lenira é fundamental que a vítima se aproprie e tenha conhecimento sobre seus direitos logo nos primeiros momentos de atendimento, antes mesmo de dar início ao tratamento médico psicológico. “Às vezes o agressor já está com pedido de guarda do filho, já está tomando providências para fazer alegações falsas; então, essa questão legal é uma grande preocupação em um primeiro momento. Não é a principal, mas é uma das mais evidentes.”

Na Defensoria, Paula Souza explica que o atendimento é principalmente em termos de cuidado intersectorial, articulado com as instituições e a política pública. Assim, quando um caso chega na Defensoria, em geral é encaminhado para o atendimento individual e para serviços que possam também atendimento psicológico, que possam oferecer uma estrutura maior de amparo.

“Existe ainda uma visão muito grande do Direito atuando somente como via de punição ao agressor, e as mulheres não querem necessariamente esse caminho. Então é nosso papel ilustrar como a Lei Maria da Penha funciona, explicar que existem serviços, equipamentos da política pública, quais são os resultados que podem vir do Judiciário, mostrar que não existe só a via do Direito Penal, mas que existem outros mecanismos para que ela se restabeleça fora da violência. É também importante mostrar que, seja qual for a via escolhida pela mulher, a Defensoria enquanto instituição vai estar do lado dela”, completa Paula Souza.

Por Tainah Fernandes

O caso Cristiane Machado e o ciclo de violência tragicamente democrático

Para especialista, caso da atriz que registrou agressões do marido ex-diplomata ressalta que violência doméstica ocorre em todas as classes sociais.

(HuffPost Brasil, 28/11/2018 - acesse no site de origem)

Eu tinha encontrado o amor da minha vida. Ele era meu príncipe (...). Ele me diminuía, me chamava de burra. Ele queria me tirar da vida de atriz (...). Morro de medo de ele me matar.

As declarações recentes da atriz Cristiane Machado, 35 anos, que era brutalmente agredida por seu marido, o ex-diplomata Sérgio Schieller Thompson Flores, ao Fantástico, da TV Globo, resumem o ciclo de violência tragicamente democrático que não só transforma o Brasil no quinto País que mais mata mulheres, mas também faz uma vítima a cada [6 horas em todo o mundo](#).

Para provar à Justiça que sofria violência de forma constante e tinha medo de ser morta, Machado instalou câmeras de segurança em um dos quartos da residência em que vivia com Thompson Flores no Rio de Janeiro. As imagens, divulgadas pelo programa, mostram a atriz sendo alvo de socos e tapas, além de ser jogada na cama e enforcada com um fio de telefone pelo homem que acreditava ser um “príncipe”.

O caso, que foi denunciado à 15ª DP (Gávea) e segue em investigação, é, segundo Viviana Santiago, cientista social e gerente de gênero e incidência política da ONG Plan Internacional Brasil, um exemplo da violência que perpassa a vida de muitas mulheres independente de classe e raça:

“Esse caso é mais um que desmistifica aquela história de que a ‘violência doméstica está restrita a classes sociais menos favorecidas’. Isso não é verdade. Essa violência atinge uma parcela muito grande das mulheres e é fruto de uma violência misógina que ensina aos homens que eles têm poder sobre as mulheres.”

O que é o ciclo de violência

Segundo a Lei Maria da Penha, a violência doméstica funciona como um sistema circular que apresenta três fases:

“Aumento da tensão”: as tensões acumuladas no cotidiano, as injúrias e as ameaças tecidas feitas pelo agressor, criam na vítima uma sensação de perigo iminente.

“Ataque violento”: o agressor maltrata física e psicologicamente a vítima; estes maus-tratos tendem a ficar mais frequentes e com mais intensidade.

“Lua de mel”: o agressor envolve a vítima de carinho e atenções, desculpando-se pelas agressões e prometendo mudar.

Apesar de as imagens mostrarem as agressões e de existirem outras provas - como gravações feitas em celular com ameaças contra a atriz e sua família -, os advogados do empresário negam que elas tenham ocorrido. Afirmam que as imagens foram editadas e que representam uma reação a uma ação anterior que teria sido praticada pela atriz.

“Essa é uma prática muito comum nesses casos, de forma geral: a linha de defesa desloca a vítima para o banco dos réus”, afirma Silvia Chakian, promotora do grupo de violência doméstica do Ministério Público de São Paulo. “Isso costuma acontecer em casos de violência doméstica, nas tentativas de feminicídios e também em feminicídios consumados”, aponta.

A defesa de Thompson Flores também considerou ilegal o mandado de prisão por descumprimento de medida protetiva, com o argumento de que, durante os meses de setembro e outubro, o casal conviveu em harmonia. Ainda afirmou que as acusações da vítima são motivadas por interesse financeiro.

Para Chakian, é um argumento corriqueiro. “A mulher é comumente tida como ‘louca’, ‘descontrolada’, ‘interesseira’ e são utilizados argumentos relacionados ao comportamento social ou sexual dela, como se algum desses argumentos justificasse a violência cometida pelo agressor.”

A promotora também aponta que criticar a ampla denúncia que culpabiliza a vítima “não quer dizer que o réu não possa se defender, esse é um direito constitucional que todos têm”. “O que é preciso discutir são os limites éticos dessa defesa, que também intensifica o fato de que a violência contra a mulher seja tragicamente democrática no Brasil”, afirma.

O empresário, que até então estava foragido, se entregou à polícia no domingo (25) e foi transferido na segunda-feira (26) para o presídio Frederico Marques, em Benfica, no Rio de Janeiro.

Na terça-feira (27), a Justiça decidiu que o pedido de liberdade expedido pela defesa do empresário fosse indeferido para garantir a integridade física da atriz.

“Eu sou uma sobrevivente. Uma sobrevivente porque eu fui uma corajosa. Eu sei que eu tenho ainda uma luta muito grande, mas hoje foi uma grande vitória”, [afirmou Machado em entrevista ao G1](#).

No entanto, enquanto o agressor ainda estava foragido, ela relatou [sentir uma inversão de papéis](#): “Eu me sinto a foragida e ele a pessoa livre. Fico com medo de andar nas ruas. Todos os hábitos que eu imagino que ele saiba meus, pela convivência, eu estou mudando. E eu me sinto enclausurada, presa dentro dessa história.”

Os números da violência contra a mulher no Brasil

O temor que Machado sentia pela própria vida encontra uma triste base nas estatísticas de feminicídio do País. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres. São 4,8 homicídios para cada 100 mil brasileiras.

Já o Mapa da Violência de 2015 aponta que, entre 1980 e 2013, 106.093 pessoas morreram por sua condição de ser mulher. Do total de feminicídios registrados em 2013, 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

Pesquisa divulgada pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) aponta que, a cada 6 horas, uma mulher é vítima de [feminicídio](#) no mundo. A [pesquisa](#) ainda mostra que, em 2017, 87 mil mulheres foram vítimas de feminicídio e mais da metade delas (58%), cerca de 50 mil, foram mortas por conhecidos, companheiros, ex-maridos ou familiares. A conclusão é de que o lar é o ambiente mais violento para as mulheres.

Uma outra pesquisa também realizada pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), órgão também submetido à ONU, mostra que, a cada 10 feminicídios cometidos em 23 países da região em 2017, 4 ocorreram no Brasil. Ao menos 2.795 mulheres foram assassinadas na região, no ano passado, em razão de sua identidade de gênero. Desse total, 1.133 foram registrados no Brasil.

Da lua de mel à denúncia de agressão



Segundo a reportagem do *Fantástico*, o casal se conheceu em março de 2017 e se casou no civil 8 meses depois. Machado disse que, quando conheceu Thompson Flores, ele era carinhoso, cuidadoso e não dava indícios de que poderia ser violento. Logo após a cerimônia do casamento as agressões começaram: segundo ela, um empurrão e um tapa no rosto.

“O ciclo de violência está muito bem posto nesse caso”, explica Santiago. “Ela passou por toda a trajetória padrão a que o agressor submete a vítima. O que acontece é que esse ciclo vai quebrando a sua capacidade de fazer uma análise crítica do que está acontecendo. Tudo isso mexe profundamente com a sua crença em si mesma. Essa violência é, antes de tudo, uma violência psicológica”, aponta.

Machado disse à reportagem que sempre que discordava do empresário, uma briga acontecia. E que, para ela, tudo começou de uma forma sutil até evoluir para um ciúme podador e violento. “Ele me diminuía, me chamava de burra. Ele não gostava do meu trabalho. Ele queria me tirar da vida de atriz. Eu não podia mais ter senha no celular. Ele tinha que ter acesso”, contou.

Em abril de 2018, a união do casal foi celebrada no religioso. Machado relatou que, antes mesmo de subirem o altar, ela procurou a polícia, e Sergio foi denunciado e preso em flagrante após bater nela e quebrar a casa. À época, ele pagou fiança, e ficou proibido de se aproximar dela através de medida protetiva. Com casamento marcado, contudo, a atriz decidiu perdoá-lo.

Em casos de violência doméstica como este, Santiago aponta que é comum que perguntas como “por que ela ficou?” ou “por que ela não se defendeu?” estejam presentes. A resposta, explica, é mais complexa do que se imagina: diz respeito tanto à vulnerabilidade frente à violência sofrida, quanto ao estigma na hora de denunciar.

“A gente vive em uma sociedade que culpa as mulheres simplesmente por serem mulheres. A palavra delas são colocadas em dúvida o tempo todo. “A denúncia vai acabar com o seu casamento”, “como ficam os seus filhos agora?” são frases comumente usadas. E tudo isso faz com que ela seja ainda mais violentada.”

Além da Lei Maria da Penha, que criminaliza a violência contra a mulher no País, o Brasil hoje também conta com a Lei do Feminicídio para proteger as mulheres e punir os agressores. Matar uma mulher pela sua condição de mulher passou a ser um agravante do crime de homicídio - com pena aumentada de um terço até a metade. Para definir a motivação, considera-se que o crime deve envolver violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

“Um homem que é violento em uma sociedade que criminaliza a violência contra a mulher faz isso por escolha própria. Porque, além das mulheres, a legislação já diz que isso não é certo e que ele pode ser punido”, diz a especialista. “A utopia é de que, um dia, essa violência não exista mais. Trabalhar para isso é um papel de todos. Inclusive dos homens.

Não silencie!

“Foi só um empurrãozinho”, “Ele só estava irritado com alguma coisa do trabalho e descontou em mim”, “Já levei um tapa, mas faz parte do relacionamento”.

Você já disse alguma dessas frases ou já ouviu alguma mulher dizer? Por medo ou vergonha, muitas mulheres que sofrem algum tipo de violência, seja física, sexual ou psicológica, continuam caladas.

Desde 2005, a Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180, funciona em todo o Brasil e auxilia mulheres em situação de violência 24 horas por dia, sete dias por semana. O próximo passo é procurar uma Delegacia da Mulher ou Delegacia de Defesa da Mulher. O Instituto Patrícia Galvão, referência na defesa da mulher, tem uma página completa com endereços no Brasil. [Clique aqui.](#)

Andréa Martinelli

Como o caso de agressão no BBB17 segue o ciclo típico da violência contra mulheres

Delegada que investiga o caso confirmou lesão corporal na vítima e pode enquadrar agressor na Lei Maria da Penha

Na reta final da disputa pelo prêmio do Big Brother Brasil 17, reality show da TV Globo, o participante Marcos Harter foi expulso do programa na segunda-feira (10) por ter agredido Emily Araújo, com quem mantinha um relacionamento desde o início do programa.

As imagens de intimidação, agressão psicológica e física cometidas por Harter (ilustradas em detalhes pela capa do jornal carioca “Meia Hora” de terça-feira, 11) bastaram para que um inquérito fosse aberto pela delegada titular da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) de Jacarepaguá, zona oeste do Rio, Viviane da Costa.

(Nexo, 11/04/2017 - [acesse no site de origem](#))

As imagens do programa foram analisadas pela delegada, que examinou a vítima e a informou de seus direitos, segundo a Lei Maria da Penha. A partir do exame de corpo de delito, foi

comprovada a lesão corporal. Até o momento, a participante não denunciou a agressão física, mas a investigação continuará a correr.

A saída do participante da casa do BBB por decisão da TV Globo ocorre uma semana depois de a emissora suspender o ator José Mayer, alvo de uma denúncia de assédio sexual feita por uma figurinista com quem trabalhava.

Abertura do inquérito sem denúncia da vítima

Um texto do Nexo do início de março explica como uma decisão de 2012 do Supremo Tribunal Federal fez com que a Lei Maria da Penha passasse a valer mesmo sem uma queixa da agredida.

Quando há evidência provida por um exame de corpo de delito, como no caso de Emilly, ou quando a denúncia é feita por outra pessoa (já que como regra episódios de violência contra a mulher não são filmados, como foram no BBB), a investigação ocorre mesmo que a vítima retire ou não preste queixa.

Conforme uma nota divulgada pelo Supremo, a necessidade de representação da pessoa ofendida “acaba por esvaziar a proteção constitucional assegurada às mulheres”.

As imagens que mostram um ciclo

Os episódios de violência de um relacionamento abusivo são cíclicos, como explica ao Nexo a educadora Analba Teixeira, da organização SOS Corpo, instituto feminista do Recife.

O padrão

- agressão
- arrependimento por parte do agressor
- perdão e crença da mulher de que não vai se repetir
- nova agressão

Muitas vezes, a agressão física também é precedida de abusos psicológicos. A violência psicológica é mais “invisível”: mais difícil de ser percebida, provada e denunciada.

Por estar submetida a uma situação de vulnerabilidade em que o agressor também é uma pessoa com quem ela mantém um relacionamento afetivo, a vítima pode não identificar a situação de abuso. Teixeira ressalta ser importante não culpar Emilly Araújo por ter se manifestado com tristeza pela expulsão de Harter do programa de TV.

Qualquer que seja a violência sofrida, seja estupro, assédio ou uma agressão física, ela tende a se voltar contra as mulheres sob a forma de um sentimento de culpa, segundo Teixeira. “Pela cultura em que se encontram, as mulheres terminam procurando uma justificativa para o que aconteceu”, diz.

Ao saber da expulsão do então companheiro, Emilly chorou e disse não acreditar e não querer que aquilo acontecesse a ele. “Ela dizia que ele não ia machucá-la, mas ele já havia machucado”, diz Teixeira.

Na noite de segunda-feira (10), quando a TV Globo anunciou a saída de Harter, menções de apoio a ele estavam nos trending topics do Twitter. No dia seguinte, os relatos de

relacionamentos abusivos vividos por mulheres ganharam força com a hashtag #EuViviUmRelacionamentoAbusivo.

A visão de que agressões são normais nas turbulências de um relacionamento também prejudica a identificação de episódios de violência. A educadora da organização SOS Corpo defende que é preciso mudar a percepção do que é “só uma briga de casal”. “A Globo também demorou para agir por entender que era uma simples briga”, aponta.

Para Teixeira, o episódio instalou o debate sobre violência contra as mulheres no Brasil e isso é positivo. “O Brasil é o quinto país em que mais se mata mulheres. Temos os dados, mas eles não são discutidos”, diz. “Por maior que venha sendo o avanço da luta feminista no combate à violência contra as mulheres, em casos como esse vemos que o problema ainda não está resolvido. E o Estado e a sociedade precisam tomar a responsabilidade [sobre a violência] para si”.

Juliana Domingos de Lima

[Por que mulheres voltam para seus agressores?, por Nana Soares](#)

(O Estado de S. Paulo, 28/07/2016) No domingo (24) a atriz Lindsay Lohan foi filmada pelos vizinhos em uma séria discussão com seu noivo, Egor Tarabasov. No vídeo, divulgado por um tabloide inglês, Lindsay o acusa de agressão e afirma que ele quase a matou. Ela também diz não ter sido a primeira vez, mas fala que será a última. No dia seguinte, pediu privacidade nas redes sociais após a exposição de “certos aspectos de sua vida” e deu a entender que voltou a se relacionar com o milionário.

O direito a privacidade de Lindsay é indiscutível, mas, falando apenas de violência doméstica, o silêncio é um dos maiores aliados do agressor. Quem agride sabe que expor a situação não é fácil e constrange a vítima, seja ela anônima ou famosa, geralmente alterando substancialmente sua vida. De qualquer modo, não fosse a filmagem amadora não saberíamos que Lindsay Lohan é mais uma entre as milhões de mulheres que sentem na pele a violência de gênero. Acharíamos que tudo está bem em seu relacionamento - especialmente porque ela aparenta uma fase de calma depois de anos de problemas com álcool e drogas.

Desde então, a ex-estrela teen vem sendo novamente bombardeada com comentários maldosos. “Mais um escândalo envolvendo Lindsay Lohan”, “garota problema”, “deve ter provocado”, “ela não é fácil” e “se fosse verdade não tinha voltado” são alguns deles. Todos relativizam a violência sofrida por uma mulher e colocam parcela de culpa nela. Se não é culpada pela violência, é trouxa por ter voltado com quem a agride.

Quando Rihanna foi agredida por Chris Brown em 2009 - caso que também veio a público depois de um vazamento não autorizado de imagem - eles reataram o relacionamento pouco tempo depois. Terminaram e voltaram de novo, chegando a gravar uma música intitulada “Não

é da conta de ninguém”, em 2012. O recado era claro, era a versão gringa do “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

Só que Rihanna e Lindsay Lohan não são as primeiras e nem serão as últimas mulheres agredidas a voltar com seus agressores. Isso porque encerrar o ciclo da violência é muito difícil e porque falamos de relações familiares, de parentesco, carinho e afeto. Nós não cortamos laços com ninguém do dia para a noite, mas continuamos a exigir que as mulheres agredidas o façam, mesmo que elas não tenham mecanismos para seguir a vida depois disso.

No Brasil, a Lei Maria da Penha está prestes a completar 10 anos de existência. Nos últimos anos, as pesquisas mostram um dado positivo: cada vez mais mulheres denunciam a violência em sua primeira ocorrência. É um bom sinal de que a tolerância para com o fenômeno está diminuindo, mas não exclui as barreiras práticas para a separação entre as partes. Estamos falando de cortar relações e/ou criminalizar o marido, o pai dos seus filhos, seu próprio pai, irmão ou cunhado. Falamos de provocar uma fissura na família, de muitas vezes perder a garantia financeira ou mesmo a relação de companheirismo, que não deve em hipótese alguma ser diminuída em sua importância. Embora a lei preveja que o Estado deve garantir às mulheres todos os mecanismos necessários para encerrar um cotidiano doloroso, ainda falta muito para isso ser uma verdade posta em prática.

E isso se as mulheres quiserem mesmo encerrar a relação, o que nem sempre é o caso. Quando converso com aplicadoras da Lei, ouço muito que as mulheres que denunciam violência doméstica não querem necessariamente prestar queixa formal contra o marido. Isso tem consequências para ele, afinal de contas. Muitas delas querem apenas que a violência se encerre. Querem viver sem ser agredidas. Não é pedir demais, mas ainda assim não conseguimos garantir um direito básico.

Não dá para combater a violência contra a mulher sem ter muito claro que ela não começa no momento da agressão e que não se encerra ali. Pense por exemplo nas mulheres que, ameaçadas, precisam mudar de cidade, de vida e de identidade às pressas para não serem mortas enquanto o agressor segue sua vida. Por isso, eu discordo de Rihanna: acho que é da conta de todo mundo sim. Mas que isso não dá a ninguém o direito de dizer que sabe o que é certo para você e para sua vida.

Há pessoas que podem explicar com muito mais autoridade o que é o ciclo da violência e por que é tão difícil quebrá-lo, mas ainda assim reforço a mensagem: não culpabilize as mulheres que sofrem violência, nem mesmo as que retornam para perto do agressor. Relações humanas são complexas e não se encerram ao toque de um botão. Seja um aliado das mulheres que precisam de apoio, não alguém com quem elas têm medo de se abrir.

Para entender mais sobre ciclo da violência, clique nos números: [1](#), [2](#), [3](#), [4](#).

No dia 7 de agosto, domingo, acontece em São Paulo o AGOSTO MATERNATIVA, um encontro de dia dos pais promovido pelo Maternativa, que é uma rede de mães empreendedoras (iniciativa muito bacana que você pode conhecer [aqui](#)). O intuito do evento é discutir o papel do homem na sociedade moderna e repensar a maternidade e a paternidade. Estarão presentes figuras como Laerte, Fred Melo Paiva e Tulio Custodio.

Os ingressos custam R\$20,00 ([compre aqui](#)) e o evento vai das 9h às 17h30. [Saiba mais](#).

Acesse o PDF: [Por que mulheres voltam para seus agressores?, por Nana Soares \(O Estado de S. Paulo, 28/07/2016\)](#)